

Crise ameaça comércio exterior

RIO
AGÊNCIA ESTADO

As dificuldades na concessão de financiamentos externos para as exportações brasileiras poderão provocar séria crise com repercussões diretas no saldo da balança comercial. A previsão foi feita ontem, no Rio, pelo diretor de câmbio do Banorte, Ricardo Azém, acrescentando que essas dificuldades decorrem da contínua redução dos prazos das linhas de créditos após a decretação da moratória pelo governo brasileiro.

Explicou que está ocorrendo "descasamento" de prazos entre a exportação em si e o seu financiamento, fato que vem exigindo dos bancos nacionais um esforço maior para ajustamento das suas operações. Segundo Azém, no momento as linhas de crédito para exportação estão com prazo médio de 60 dias, enquanto uma exportação leva de 60 a 90 dias e mais o mesmo prazo para a entrega de cambiais.

Na sua opinião, ainda existem al-

gumas exportações à vista ou que estão liquidando este ano que permitem aos bancos "algum fôlego a mais", mas, se o governo não adotar medidas imediatas, os exportadores enfrentarão sérias dificuldades na comercialização dos mais diferentes produtos. Citou, como exemplo, o perigo que poderá enfrentar a soja, cuja safra atual prevê negócios em torno de US\$ 1,8 bilhão, contra US\$ 1,5 bilhão na anterior.

Para o diretor do Banorte a crise que se está generalizando nos financiamentos à exportação foi provocada pela moratória, razão pela qual sua solução vai depender "dos nossos negociadores que podem, muito bem, encontrá-la". Segundo Ricardo Azém, que hoje está seguindo para Nova York a fim de manter contatos com os bancos norte-americanos, as recentes mudanças no comando da economia brasileira podem representar "uma péssima impressão junto aos nossos credores, principalmente a saída de Antônio Pádua Seixas do

Banco Central, que tinha bom trânsito e respeitabilidade junto à comunidade financeira internacional".

O presidente da Associação Brasileira das Empresas Comerciais Exportadoras (Asbece), Paulo Protásio, também mostrou-se preocupado com a redução dos prazos das linhas de financiamentos externos para exportações, apesar de não considerar uma tendência generalizada. Acrescentou que o problema, iniciado com as operações da Petrobrás, pulverizou-se até atingir pequenas empresas, levando os bancos a estabelecerem critérios de prioridades na concessão dos financiamentos.

Ele identifica, também, problemas sérios na questão relacionada à política cambial, principalmente na defasagem cambial de 25% do cruzeiro em relação ao dólar, considerando o custo final do produto vendido. Para Protásio, "se não for eliminada essa defasagem o Brasil não retomará o ritmo de exportações pretendido pelo governo".